

NOS FIOS DA MEMÓRIA, A EMARANHADA TESSITURA DO SER

Bene MARTINS¹

behne03@yahoo.com.br

Resumo: O principal objetivo deste estudo é, após análises conceituais, o de desmistificar o endeusamento e a excelência da memória, enquanto faculdade infalível, atribuída a alguns iluminados, competentes estudiosos ou a quem teria uma super capacidade para memorar. Procurar-se-á demonstrar, com respaldo nas definições citadas e em outras que surgirão no decorrer do trabalho, que a memória não tem aquela potência de lembrar-se de tudo. A memória é, muitas vezes, atravessada, também, pelo esquecimento e que esse esquecimento não é negativo, pois alguma coisa precisa e deve ser “olvidada”. Toda espécie de relato oral ou escrito passa por processo de re-elaboração. Aquela ideia da memória capaz de uma reconstituição total é ideia da historicidade, que pretendia dar conta de tudo o que acontecera em determinadas épocas, narrar fatos e datas, mas deixando de lado um número significativo de pessoas que fizeram parte da constituição de todo Ser e, por extensão, de todas as histórias.

Palavras chave: Memória. Esquecimento. Re-elaboração.

Abstract: After conceptual analysis the present study aim's to demystify deification of memory as an infallible faculty and an attribute of geniuses or hard-working people. Based on the definitions mentioned, and others that may be found during the research, it's going to be demonstrated that memory has not the power of remember everything. In the most of the time, memory is pierced by forgetting, and this is not exactly a bad thing, some things need and have to be “olvidadas”. All kind of oral or written report goes through rebuilding processes. The idea of a memory capable of total reconstitution came from historicity, and its needs to register everything that happened at a certain period, and to describe facts and dates, all of this without taking into account a large amount of people that were part of the history.

Keywords: Memory. Forgetting. Re-drafting.

Para os navegantes com desejo de vento, a memória é um ponto de partida.

Eduardo Galeano

A memória considerada, por Eduardo Galeano, como ponto de partida!

Mas, poder-se-ia acrescentar ainda outros pontos: o de chegada, de permanência, de resquícios, de interditos, de lapsos, de engodo, de flashes, de esquecimento. Vale especificar a que tipo de memória se faz referência ao escrever sobre essa caixa de pandora. Seria a coletiva, a afetiva, a memória do ressentimento?

Este texto tratará da memória afetiva, mas naturalmente, entrelaçada às demais. À memória afetiva caberia o quê? Tudo o que é vivenciado ou imaginado pelo indivíduo? – A memória teria capacidade para armazenar tantas informações, seria uma espécie de Furnes, o memorioso, personagem de um dos contos de Jorge Luis Borges? Esse conto é fundamental para se compreender que à memória não cabe guardar tudo, ela é e precisa ser seletiva. Então, a quais filtros caberia separar o que fica e o que será descartado? “E o que fica? O que em mim significa?” (BOSI, 1995, p. 22). O que a memória faz com os recordadores? – Neles fica o que significa.

Deve-se confiar plenamente na memória ou desconfiar um pouco do que nela fica? Segundo Sigmund Freud: “a memória não é confiável porque contaminada pelo desejo”. (*apud* MENEZES, 1995, p. 34). O desejo é produto do inconsciente e o consciente procura, das mais diversas formas – atrelado que é às culturas - inibir, camuflar os murmúrios desse desejo, em função, principalmente de mecanismos repressores impostos pelas ideologias, normas, valores, etc. de determinada época. Mas a inibição/negação, esse não ouvir o desejo não acaba com ele. Ele pode se recolher, mas fica latente e um dia poderá vir à tona.

No momento em que o Ser recorda - coloca de novo no coração - o faz pela palavra e representa o que até então não tinha nome, “por isso era vivido apenas a nível do corpo” (MENEZES, 1995, 35). Ao nomear essa lembrança encoberta, admite o que em si lateja, palpita e está querendo manifestar-se. Ao nomear, o faz com palavras já crivadas pelos códigos da cultura, representantes que são das identidades individual e/ou social do sujeito. Para expressar o que se supõe ser verdadeiro se recorre às simbologias e às representações características da linguagem – nem sempre tão claras – do que se pretende demonstrar.

Nesse processo de representação das lembranças, dos sonhos, das inquietações, Freud, em *Lembranças Encobridoras*, mostra o quanto uma lembrança, revestida com todos os apanágios da veracidade, pode ser uma construção, uma ficção. E, então, por que trabalhar com a memória, se ela não se entrega facilmente? O que é a memória? “E se a memória mais não fosse que um produto da imaginação?” (Breton). Alguns estudiosos assim a definiram:

Para Êsquilo a ‘memória é a mãe da sabedoria’. Para Cícero, ‘a memória é a guardiã de todas as coisas. (...) nossa relação com o presente e o futuro é indissociável do nosso passado, nossa memória’. Bergson chega mesmo a sugerir que temos apenas passado e futuro.

Já que o presente é sempre passagem, passado: Nós só percebemos, praticamente, o passado, o presente puro sendo o inapreensível avanço do passado a roer o futuro (MONTENEGRO, 1995, p. 140-141).

Conforme esses autores, nossas vivências são transitórias, nosso presente seria essa espécie de estágio, de passagem do passado ao que viria, ao futuro de cada indivíduo a transitar sob ou sobre a não apreensão do presente.

Maurice Halbwachs, um dos primeiros teóricos a conceituar a memória coletiva, não estudou a memória como tal, mas como “quadros sociais da memória”. O autor afirma, então, que devemos a literatura oral à memória oral que, por sua vez, está intimamente ligada à memória social. Na definição de Halbwachs: “toda a memória se estrutura em identidades de grupo: recordamos a nossa infância como membros da família, o nosso bairro como membros da comunidade local e que a memória do indivíduo só existe na medida em que esse indivíduo é um produto de determinada intersecção de grupos”. (*apud* FENTRESS; WICKHAM, 1992, p. 7).

Sem negar o peso das convenções sociais, não se pode pensar, no entanto, que este indivíduo seja “uma espécie de autômato, passivamente obediente à vontade coletiva interiorizada”. (FENTRESS; WICKHAM, 1992, p. 7). Embora esteja situado num tempo e espaço comum a outros seres, o indivíduo desenvolve mecanismos próprios para lidar e/ou manipular as impressões rascunhadas em sua memória, consciente ou inconscientemente, haverá individuação, caso contrário, não haveria traços identitários tão diversos e tão particulares. Sem essas peculiaridades individualizadoras, haveria apenas seres humanos elaborados em série, todos iguais. É claro que me refiro aqui a processos subjetivos, não de aparência física. Esta pode ser uniformizadora, não é o momento para comentários sobre as alterações físicas, proporcionadas pela medicina estético-reparadora.

Voltando aos mecanismos do recordar.

Os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento. (...) nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura, exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1994, p. 13)

Le Goff sugere atenção redobrada aos mecanismos de manipulação da memória coletiva que podem ser, também, reveladores das

camuflagens que o consciente trama, no momento em que se “desvela”, ou o não compromisso da memória com significados fixos. O indivíduo se depara o tempo todo com os mais diversos tipos de censura, se auto-recrimina, a depender do seu grau de submissão aos aparelhos sociais coercitivos, – família, escola, sociedade, – como bem demonstrado por Michael Foucault, em *Vigiar e Punir*.

Antes de Foucault, a partir das constatações freudianas, é que se começa a prestar maior atenção às peripécias da memória ou aos mecanismos de defesa aos quais as pessoas recorrem para desfigurar, alterar e melhorar o que lhe é inaceitável. De forma que, ao se utilizar da linguagem e da representação para falar de Si ou do Outro, é ao mundo do simbólico que ele faz referência e este é de outra ordem. Este nenhuma ciência exata, por assim dizer, poderá explicar de forma clara e determinante. Neste mundo simbólico – o das linguagens de um modo geral – a literatura e as artes têm muito mais que demonstrar, porque trabalham com vocabulários que permitem in(e)vocar e trazer à tona, mesmo que de maneira meio obscura, imagens, pequenas lembranças e sensações retidas no espaço do inconsciente.

Santo Agostinho, nas suas *Confissões*, parte da concepção antiga dos lugares e das imagens de memória, (um dos primeiros semioticistas) mas dá-lhes uma extraordinária profundidade e fluidez psicológicas, referindo a “imensa sala da memória”, a sua “câmara vasta e infinita”. Transcrever-se-á a citação, na íntegra, por se tratar de uma bela descrição de alguns passos ou de algumas provocações que a memória faz na sua morada e no seu modo de se fazer presente na complexa constituição do Ser.

Chego agora aos campos e às vastas zonas da memória, onde repousam os tesouros das inumeráveis imagens de toda a espécie de coisas introduzidas pelas percepções; onde estão também depositados todos os produtos do nosso pensamento, obtidos através da ampliação, redução ou qualquer outra alteração das percepções dos sentidos, e tudo aquilo que nos foi poupado e posto de parte ou que o esquecimento ainda não absorveu e sepultou. Quando estou lá dentro evoco todas as imagens que quero. Algumas apresentam-se no mesmo instante, outras fazem-se desejar por mais tempo, quase que são extraídas dos esconderijos mais secretos. Algumas precipitam-se em vagas, e enquanto procuro e desejo, outras dançam à minha frente com ar de quem diz: Não somos nós por acaso? E afastas com a mão do espírito da face da recordação, até que aquela que procuro rompe da névoa e avança do segredo para o meu olhar; outras surgem doces, em grupos ordenados, à medida que as procuro, as primeiras retiram-se perante as segundas e, retirando-se, vão recolocar-se, onde estarão, prontas a vir de novo, quando eu quiser. Tudo isto acontece quando conto qualquer coisa de memória (*apud* LE GOFF, 1994, p. 25-26).

Le Goff, novamente, agora com palavras de Santo Agostinho, para demonstrar um pouco da dimensão do que se pode guardar nas quadros-cômodos afetivos da memória. Esta, à semelhança de um labirinto é sinuosa, tem esconderijos repletos de experiências, vivenciadas ou não. A memória guarda pensamentos, percepções imensuráveis e indelévels. Material inesgotável para que os seres se confundam e se emaranhem nessa brincadeira, nesse jogo de esconde/aparece proporcionado pelas lembranças-cicatrizes lá armazenadas. Estas, para se fazerem desejar ou para serem deixadas de lado, parecem brincar com os recordadores, e alteram tudo que é invocado ou que se precipita sem ser chamado. Para os que aceitam essa espécie de brincadeira, eu diria até que eles se divertem, misturando as cartas de todos os naipes num jogo infindo.

A primeira associação que fiz dessa descrição plástica de Santo Agostinho, quando se refere aos campos vastos da memória, foi com uma historinha escrita por minha filha Pérola, aos 8 anos de idade. Ela, sentada ao meu lado, começou a escrever, perguntei o que era. Após um tempo de suspense, disse que estava a observar o interior do meu cérebro. Pedi a ela que contasse o que via.

– Minha história se chama: **Viagem ao cérebro**

Hoje, Rebelde – amiga invisível que a acompanhou durante um tempo – fez um passeio diferente, ela entrou no cérebro de sua mãe e viu muitas coisas, em uma sala havia muitas portas: da alegria, da tristeza, da educação, mas, a principal era a do herói ou do ídolo. Ela ficou indignada, porque a heroína da mãe de Rebelde era super parecida com uma princesa que ela viu na televisão. Ela era bonita, usava um vestido rosa e amarelo e também usava uma coroa e sapatos de cristal e estava montada em cavalo branco (...) (Pérola Martins, 1993).

Santo Agostinho em sua sapiência se refere à memória como campos e vastas zonas acolhedoras e os descreve de tal sorte que nos vemos passeando por tais espaços. Pérola, em sua saborosa imaginação infantil, se refere à memória, ou melhor neste caso à sua imaginação, como portas, cada qual com endereço de algo fundamental para o Ser humano: alegria, tristeza, educação, fantasias. Há uma mistura de contos de fadas com cenas de desenho televisivo, o que importa aqui é a semelhança da associação memória-cérebro-espago-fantasia.

Voltando à citação, ao ler pela primeira vez essas palavras de Santo Agostinho passei a entender um pouco das sensações que tenho quando, após vários anos longe da minha cidade natal, visito os lugares onde passei a infância e adolescência. A cada casa de parente visitada, cenários perturbadores são descortinados, franjas tecidas por aranhas esfumaçam minhas reminiscências, me invadem, algumas incomodam muito; outras me fazem um bem incalculável; outras provocam uma saudade deliciosa; ora o cheiro dos quitutes caseiros, ora o cheiro das flores: jasmims, cravos,

rosas, flores silvestres, uma profusão de odores refrescantes se insinuam e me fazem voltar um pouco aos tempos idos. É uma saudável rememoração, até porque agora, eu as posso enfeitar um pouco mais, porque já distanciada e com olhar mais contemplativo sobre esses meus “lugares de memórias” (NORA, 1993).

Outras impressões fortíssimas ocorrem quando entro nos quartos, subo nos sótãos, desço aos porões dessas casas antigas. A cada degrau que subo ou desço, a cada ranger da escada, estalar da madeira, me sinto levitando ou caindo no abismo, sou tomada de tal forma por estranhas e familiares sensações que, às vezes, recuo um pouco para tomar fôlego e seguir. É um turbilhão de imagens que se impõem, ora nítidas, ora borradas. Estas me cativam mais ainda, o que elas querem dizer ou esconder? Estaria eu a camuflar partes da minha existência? Por quê? – Talvez seja para alimentar o jogo predileto das imagens armazenadas nos fios emaranhados da memória, talvez seja para reiterar a brincadeira de esconde-esconde, ou ainda talvez seja para eu ter a ilusória sensação de poder evocá-las a qualquer momento e as re-elaborar da maneira que me convier naquele instante.

Essas imagens, flashes jogam com cartas ignoradas, estas exigem a ativação de uma memória afetiva que não foi adquirida nos bancos escolares, nem foram decoradas, ao contrário, essas cartas seriam uma espécie de coringa, elas podem substituir ou denunciar certas faltas. O coringa é aquela carta que pode ganhar uma partida ou perder, se não o temos no momento certo. Essa é uma das artimanhas das nossas memórias, elas podem surgir faceiras e espontâneas ou podem ocultar-se num recanto, lá ficam a espionar e arranhar a capa pseudo-protetora que nos envolve, como a dizer: estamos aqui. São memórias muito particulares e específicas, por isso, não constam nos livros da história oficial, por isso, não foram registradas, elas se recusam ou não devem ser padronizadas, não há mão capaz de ordenar tais fluxos escorregadios, são outras histórias para além do que se pode perenizar na escrita, por exemplo.

Walter Benjamin amplia o conceito da história oficial ao considerar as reminiscências históricas como infinitas possibilidades de futuro, ou seja, não é somente a memória individual que guarda traços ignorados, a dita história oficial ignorou-eliminou segmentos importantes das coletividades, para Walter Benjamin: “A memória é a mais épica de todas as faculdades (...). Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si” (Benjamin, 1925 *apud* KONDER, 1994, p. 210–211). O filósofo inclui também nessa outra história, a dos esquecidos, uma teoria da memória e da experiência, em oposição à experiência individual. Experiência histórica capaz de estabelecer uma ligação entre esse passado submerso e o presente.

Para Ecléa Bosí

a função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se, ou melhor, é clarificado por uma delimitação nítida. O trivial é elevado à hierarquia do insólito e, por fim, forma-se um quadro novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (BOSI, 1995, p. 68)

Aqui se faz referência à atualização que o indivíduo processa ao interpretar suas lembranças. Para a literatura, o que interessa é a transformação das ‘lembranças encobertas’, das imagens da vasta sala, dos silêncios da história, dos fios da memória ou dos ‘flashes’ do passado em texto falado ou escrito. Isto é, o que interessa é a “memória enquanto matéria-prima de um processo de mimese” (MENEZES, 1995, p. 35). E, acima de tudo, de um tecer com figuras e linguagens, parte do que se vivencia ou se imagina. No processo de re-elaborar e de nomear o que ficou, representa-se, põe-se em palavras o que estava emudecido.

Santo Agostinho elucida esse processo de codificação da memória.

Ainda que se narrem os acontecimentos verídicos já passados, a memória relata, não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais, ao passarem pelos sentidos, gravaram no espírito uma espécie de vestígio (*apud* GAGNEBIN, 1997, p. 75)

Essa matéria-prima é essencial para a literatura, arte da palavra, do discurso articulado no nível do simbólico, um discurso carregado de sentidos escondidos e disfarçados. Uma leitura atenta a pequenos detalhes poderá desvelar as fissuras, as lacunas e os aparentes lapsos da memória que se “entregam” no texto. De acordo com Sarah Kofman “O texto é, assim, um tecido que esconde, que mascara seu sentido; apenas certos detalhes dissimulados na trama do tecido, fornecem o fio que permite descobrir o segredo do texto.” (KOFMAN, 1996, p. 58). Os segredos das memórias.

Pretendeu-se com este estudo, desmistificar o endeusamento e a excelência da memória, enquanto faculdade infalível, atribuída a alguns iluminados, competentes e “únicos” contadores, por exemplo. Procurei demonstrar, com respaldo nas definições já citadas e em outras que surgirão no decorrer do trabalho, que a memória não tem aquela potência de lembrar-se de tudo. A memória é, muitas vezes, atravessada, também, pelo esquecimento e que esse esquecimento não é negativo, pois alguma coisa precisa e deve ser “olvidada”.

Aquela ideia da memória capaz de uma reconstituição total é ideia da historicidade, que pretendia dar conta de tudo o que acontecera em determinadas épocas, narrar fatos e datas, mas deixando de lado um número significativo de pessoas que fizeram a história. Walter Benjamin é enfático na crítica ao historicismo:

O historiador burguês não questiona nem sua posição, nem a maneira pela qual ela se realizou. A história não é - como seu nome, no entanto, parece indicar! - uma história possível entre outras, mas o relato incontestável e edificante das múltiplas manifestações da vida humana. (...) A historiografia descreve o vasto espetáculo da história universal, mas não o questiona (...) está bem longe de poder discernir por detrás da história dos vencedores as tentativas de uma outra história que fracassou (GAGNEBIN, 1993, p. 56).

Para a história oficial, antes do surgimento da história nova – Le Goff – somente a versão dos vencedores era registrada, os demais lutadores vencidos ficavam a cargo da história oral, felizmente, sempre houve esse tipo de narrador, aquele que presencia, escuta e grava na memória, para passar adiante. Em consonância com o pensamento de Walter Benjamin, Patrik Chamoiseau em seu livro, *O texaco*, afirma: “Oh, Sophie, meu coração, você diz ‘a História’, mas não quer dizer nada, há tantas vidas e tantos destinos, tantas trilhas para fazer nosso único caminho. Você, diz a História, eu, eu digo *as histórias*, aquela que você acredita ser a raiz de nossa mandioca é apenas uma raiz entre um bocado de outras.” (CHAMOISEAU, 1993, p. 87).

Ou melhor, ainda, essa raiz é uma, dentre tantas ramificações apontadas para as mais diversas direções e metáfora para as inúmeras vozes emudecidas a ecoar no espaço, à espera de uma escuta sensível, que as propague para outras cercanias, sem fronteiras. De forma que elas passem a fazer parte e complementem aquela história já conhecida. Marina Maluf em “Ruídos da Memória”, estudando “memória sagrada, história profana”, também opõe história à memória:

A memória é a experiência vivida, carregada pelos grupos vivos, aberta ao movimento dialético da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas sucessivas alterações. Dado a seu caráter afetivo e mágico, é capaz de repentinas revitalizações, depois de guardar longos períodos de amortecimento. É sensível a toda sorte de recordações particulares ou simbólicas, é vulnerável às manipulações, censuras e projeções. Plural e individual, ela se enraíza na experiência concreta e no objeto, no gesto e na imagem. ‘A memória é um fenômeno sempre atual’, diz Nora, ‘uma ligação vivida no presente eterno’. A história, ao contrário, é uma reconstituição sempre problemática e incompleta do que não existe mais (MALUF, 1995, p. 44).

Nesse processo dialético da lembrança e do esquecimento, o recontar é intercalado, às vezes, por interrupções, como se o fio da meada tivesse escapado naquele curto espaço de tempo. Noutras vezes, o recontar é um grande fluxo, sem pausas para buscas de mais detalhes. É como se na memória de quem relata estivessem armazenadas um sem número de sementes lá esquecidas e, de repente, algumas germinassem, depois adormecessem novamente, para que outras também pudessem aflorar,

ao sabor das condições de reavivar de cada solo.

Neste ponto, invoco a sabedoria do Riobaldo, em *Grandes sertões: veredas*, de Guimarães Rosa, para melhor exemplificar o processo, a manufatura do contar as coisas do passado, as coisas da memória: “Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares”. (ROSA, 1986, p. 172). Ao falar de memória, portanto, não se pode pensar em algo guardado na íntegra, ao contrário, em se tratando de memória, parece que quanto mais tempo ela fica aninhada, mais ela absorve elementos que a enriquecem, enquanto guardadas. Ainda com Riobaldo

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com os outros acho que nem não se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recente data. Assim é que eu acho, assim é que eu conto. O senhor mesmo sabe; e se sabe, me entende. Toda saudade é uma espécie de velhice (ROSA, 1986, p. 92).

“Toda saudade é uma espécie de velhice”, ou pode-se acrescentar: toda experiência é uma espécie de velhice, digna de ser passada adiante. Pois são nas e pelas vivências que se aprende a Ser, se aprende a viver de forma nem sempre ordenada. Os fios da memória estariam mais para “caixa de pandora” do que para lembranças inalteradas para sempre. A caixa guarda, além de segredos, belas surpresas, devido à capacidade das lembranças brincarem e fazerem balancê na mente de quem as procura. Elas misturam tudo, sem respeitar tempo ou espaço, daí que o recontar-recordar é processo infindo, é um exercício-jogo de juntar coisas que aconteceram longe e as colocar no mesmo tempo: a meninice e a velhice; o ontem e o hoje; o sonho e a realidade; a mitologia e a tecnologia.

O lembrar tim-tim-por-tim só é possível para as coisas de rasa importância. A psicanálise vem demonstrar que a completa reconstituição do passado é impossível. O que se tem é aquilo que ficou, são os restos, os traços, sempre fragmentados, os resquícios da memória, as outras raízes submersas, as outras histórias quase nunca ouvidas ou registradas. Ao recordarmos de algo, esse algo vem sempre incompleto, lacunar, mas o que importa é narrar seja o acontecido, seja o inventado. No momento em que relato algo, segundo Manoel de Barros, é isto que acontece: “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.” (BARROS, 1996, p. 75).

Você é, eu sou, porque nossa vida é narrável, embora na condição de inconstância ou da não certeza, pois que a lembrança do que se narra é uma construção, é já uma impressão ou outra figuração do que se viu, ouviu, viveu ou fantasiou. A reconstituição dos fatos, tais como

aconteceram não se faz. Em torno desses acontecimentos, há uma re-elaboração com novos significados se manifestando, isso porque a memória é atravessada também pelo recalque e pelo desejo. “Assim, mesmo na lembrança, o passado só se entrega deformado. O sentido da experiência é sempre dado mais tarde”. (KOFMAN, 1996, p. 75).

Dessa forma, na expressão dos relatos, individuais ou coletivos, o mosaico da memória vai se desenhando sinuosamente nas falas, nas pausas, nos gestos pensativos, nos lapsos, nos ‘esquecidos’. No não dito, então, há toda uma sorte de expectativa que nos atrai e que nos induz a formular a pergunta – sempre que ouvimos algum tipo de relato – E depois? O que aconteceu? Isto porque a narrativa em si não explica nada. Como diz Walter Benjamin “Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. (...) Ela se assemelha a essas sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam até hoje suas forças germinativas”. (BENJAMIN, 1993, p. 204).

Jerusa Pires Ferreira, em *Armadilhas da Memória: (conto e poesia popular)*, trabalha o esquecimento como pivô da narrativa, isto é, o esquecimento enquanto sustentáculo da narrativa. A autora registra dois tipos de esquecimento, que ocorrem no universo narrativo da poesia e do conto popular. “Há o esquecimento profundo, a incapacidade absoluta de lembrar, aquilo que se esgarça, se perde ou, por algum motivo, se sepulta, não deixando que flua para a narrativa, e há o que desliza, sob os mais diversos pretextos, nas sequências narrativas, situações em que se mascaram, eufemizam ou simplesmente se omitem fatos ou passagens” (FERREIRA, 1991, p. 14).

Há, naturalmente, nos dois tipos de esquecimentos, perdas ou lacunas passíveis de ser preenchidas. E é esse processo que garante a permanência da necessidade de narrar o vasto repertório acumulado em vivências. Assim, há uma constante reconstrução do que se lembra, conforme Thais Curi Beaini,

O homem, ao reter o fugidio, permite que o findo se restabeleça, trazendo ao presente algo que já não lhe pertence, e isto tudo significa criar, a memória é o poder de organização de um todo a partir de um fragmento vivido. O processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação dos vestígios, mas também a releitura desses vestígios (BEAINI, 1994, p. 330-1)

Com Jerusa Pires Ferreira, deve-se lembrar a “questão da seletividade e de como o indivíduo, a comunidade ou o próprio atrito entre eles expulsa os elementos indesejáveis, aquilo que faz explodir a tensão. A dupla esquecimento/memória, portanto, é apenas uma aparente oposição”. (FERREIRA, 1991, p. 14). No processo de re-lembrar, relatar há exemplos da formação de “núcleos em que lembrar é um fluxo,

um processo, uma razão de ser, e o ato de esquecer se faz o pivô daquilo que se desenvolverá, detonando uma série de transformações ou a transformação”. (FERREIRA, 1991, p. 14).

Desmistificar o poder infalível da memória armazenadora de tudo, que não esquece nada é demonstrar a cada pessoa que todos são capazes de narrar, a partir do que ficou em suas memórias e lançar os fragmentos que precisam alçar voos. Isto porque a nossa memória, e mesmo a memória do contador de estórias, não é e não precisa ser museológica, ela é seletiva. Ao contrário de um dos personagens de Jorge Luis Borges, *Funes, o Memorioso* que dizia: “Minha memória, senhor, é como um despejadeira de lixo”. (BORGES, 1989, p. 94).

Este é um estudo preliminar sobre a memória. Mas fez-se necessário destacar algumas das suas características para a compreensão do seu papel, enquanto fonte da história cultural e dos traços identitários de cada povo; desejou-se demonstrar ainda para confirmar essa argumentação, que não se narra e não se reproduz uma narrativa na íntegra, mas que, apesar das alterações feitas no momento em que se reconta ou se re-escreve uma narração, um relato, alguns elementos podem se manter. Parafraseando Roland Barthes, poder-se-ia dizer, então, que os mitos, os *relatos*,² as estórias, não são tantos, os arranjos e a tessitura é que são infinitos? – Ou que são tão variáveis como são os Seres entre si e estes com suas re-memorações?

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BEANI, Thais Curi. **As máscaras do tempo**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Globo, 1989.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras 1995.
- CHAMOISEAU, Patrick. **Texaco**. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social**. Lisboa: Teorema, 1992.
- FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória: contos e poesia popular**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- KONDER, Leandro. **Flora Tristan: uma vida de mulher, uma paixão socialista**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- KOFMAN, Sarah. **A infância da arte - uma interpretação da estética**

- freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.
- MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MENEZES, Adélia Bezerra de. **Do Poder da Palavra**: ensaios de literatura e psicanálise. São Paulo: Duas Cidades, 1995
- MONTENEGRO, Antonio Torres. A construção da memória e as reflexões da física e da psicologia. **Cad. CERU**, São Paulo, n. 6, 1995.
- NORA, Pierre. Entre História e Memória – a problemática dos lugares. **Projeto História 10**, PUC-SP, dez. 1993.
- ROSA, João Guimarães de. **Grande sertão veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Notas

- ¹ Professora da Escola de Teatro e Dança-ETDUFFPA. Coordenadora do Projeto de Pesquisa: Memórias da dramaturgia amazônica: construção do acervo dramaturgico. Dramaturgista.
- ² Grifo meu.